

MACÊDO, Maria de Fátima Uchôa de Castro. **Internet e leitura**. Teresina: EDUFPI, 2013. 144p.

NOTÍCIAS DO OUTRO MUNDO

Guiomar de Oliveira Passos

Minicurrículo

Graduação em Serviço Social e Mestrado em Educação, Universidade Federal do Piauí. Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília. Atualmente é professora Associada da Universidade Federal do Piauí, atuando nos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Mestrado e Doutorado). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação superior, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia da educação, sociologia política, *habitus*, Estado e implementação de política pública. Desenvolve pesquisas em educação, acesso ao ensino superior e representações sociais de escola de qualidade.
e-mail:guiomar@ufpi.edu.br

Temos hoje dois mundos: um que costumamos chamar de real, que é o das coisas conhecidas, tocadas, sentidas; e outro, o virtual, que nos atrai e assombra, que encanta e amedronta. São de espécies distintas; nem mesmo as categorias elementares do pensamento como tempo e espaço mantiveram-se incólumes, dando, mais uma vez, razão a Durkheim (1978) de que correspondem às estruturas mentais dos povos. E não há como negar. Em cada um desses mundos, há um tipo de estrutura mental. É sobre a convivência entre eles ou a vivência em cada um deles que nos fala Fátima Uchôa Macêdo.

A temática é abordada na universidade, melhor dizendo, na parte do mundo em que hábitos mentais não apenas são forjados como, velhos e novos, têm, secularmente, se enfrentado. A atenção se volta para a leitura, onde a convivência, se por um lado é imprescindível, já que o mundo virtual é essencialmente letrado, sendo inimaginável aí viver sem o domínio dos códigos linguísticos; por outro, encerra conflitos ou disputas entre os diferentes meios além de demandar outras formas de ensinar e aprender. “A leitura na internet”, diz a autora (p. 47), é

[...] entremeada de nuances que estabelecem e suscitam novos formatos de interação de como sobreviver na sociedade da informação ou sociedade da recomendação, emerge, ainda como chance de assimilação de conhecimentos recém-gerados, os quais determinam o enriquecimento do repertório cognitivo.

Com isso, a autora explicita a tensão entre os dois mundos, construindo “pontes” entre eles e, principalmente, trazendo à tona ferramentas e instrumentos que demandam. Para isso, se vale de arautos da inovação e do diálogo como Paulo Freire e Edgar Morin. Do primeiro, a ideia da leitura como meio de apreensão do mundo e de formação de seres sociais e históricos. Do segundo, as considerações sobre “a inteligência da complexidade e os saberes essenciais à educação do futuro” (p. 29). Com ambos, estabelecendo o caminho para abarcar as múltiplas facetas de uma relação que envolve desde o ambiente familiar até o escolar, sem esquecer os fatores psicológicos, pedagógicos e éticos.

Assim é que, em sua abordagem, Macêdo contempla tanto as condições oferecidas pelo mundo real para o desenvolvimento da leitura – hábitos domésticos de leitura, existência de biblioteca na escola básica, influências de pais, professores e amigos – quanto vivências no mundo virtual. Neste caso, horas utilizadas nas redes sociais, finalidades dos acessos e contribuições ou interferências deste na leitura e as experiências com a leitura — tipos, objetivos, práticas, sentimentos e satisfação. Os informantes são alunos de distintos cursos de licenciatura em três períodos letivos, evidenciando a transformação da sala de aula em laboratório de pesquisa o que torna efetiva a decantada indissociabilidade entre ensino e pesquisa e expõe a vocação da autora pela busca sistemática do saber.

Com isso, ela descortina os mundos reais e virtuais da leitura de jovens licenciandos, caracterizando-os, identificando os fatores intervenientes no processo de leitura e na formação dos leitores e as interfaces ou interferências do mundo virtual no real e vice-versa. Os consultados são, majoritariamente, do sexo feminino, como é característico do universo das licenciaturas; possuem até 30 anos; não trabalham, e alguns são beneficiados da assistência estudantil ou de atividades remuneradas na Universidade Federal do Piauí (UFPI) por meio de bolsas. Em sua maioria, provém de famílias em que os pais têm escolaridade fundamental ou média e as mães, média ou superior. Para eles, a leitura alavanca o desenvolvimento de nações e povos, possibilita a mobilidade social e “potencializa a atuação docente com vistas a um ensino de melhor qualidade” (p. 110), daí terem-na como fonte de conhecimento, fonte de informações, de lazer e prazer.

O hábito da leitura sofre a influência da família, que ainda tem autoridade inclusive sobre os conteúdos que alguns leem, mas, como é de se esperar para essa faixa etária, amigos e professores, mais estes do que aqueles, são ouvidos com maior frequência. Isso decorre, por um lado, das diferenças de gosto entre as gerações, estando amigos e professores mais próximos do que pais e mães, e, por outro, das diferenças escolares entre muitos e seus familiares.

Todos frequentam o mundo virtual, seja para buscar informações e complementar os conteúdos da sala de aula, seja para lazer. Este influencia suas leituras, mas compreendem que, como no mundo real, nem todos os conteúdos e espaços são úteis, em particular, para o processo de ensino-aprendizagem. Há os que, como as redes sociais, que favorecem o lazer, o entretenimento, em particular, a superação do isolamento e a formação de amizades e relacionamentos diversos. De qualquer modo, por razões práticas, fúteis ou simples prazer, “permanecem” nesse mundo mais tempo do que no outro, pois consideram que, sabendo escolher, nele encontram novos conhecimentos, ajuda para dificuldades na aprendizagem e oportunidade de troca de ideias e compartilhamento de informações.

O novo mundo, então, tem muito a dizer ao velho, em especial, quando este é a universidade e isso, diz a autora, requer a constituição de canais de comunicação ou, como ela mostra, construção de pontes e, principalmente, uma revolução nos modos de ser e agir de seus agentes privilegiados, os professores. Estes, conclui Macêdo, a partir de Paulo Freire, em sua tarefa de semear desejos, estimular projetos e estender horizontes, fazem da vivência do jovem no mundo velho um aprendizado para a vida, inclusive aquela que se desenrola no plano virtual.

É fácil, portanto, perceber a contribuição da obra. Ela informa, em particular, para nós professores sobre a existência de um mundo para além da nossa sala de aula para o qual acorrem nossos alunos para complementar conhecimentos e vivências que devem ser explorados tendo em vista as alterações desse nosso mundo, principalmente, das fronteiras do saber e dos horizontes da formação profissional.

Escutemos todos, pois, o que nos tem a dizer Fátima Uchôa Macedo sobre o mundo virtual, em particular sobre como este é vivido pelos jovens!

Referência

DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 205-245.